

Marcos 4.21-25

Uma Proposta Hermenêutica

Tiago Abdalla T. Neto

Quando lemos esta passagem dos evangelhos, algumas idéias nos vêm à mente. Primeiramente, interpretamos a parábola da candeia como sendo um ensino de Jesus a respeito da responsabilidade dos discípulos de serem Luz do mundo, afinal de contas, ele a usou em Mateus 5.15 com esse propósito. Ignoramos, todavia, que ele usou a mesma ilustração em Lucas 11.33 para desafiar a incredulidade da nação de Israel, ao rejeitar a luz da revelação que Jesus estava trazendo, em nada se relacionando com a responsabilidade dos discípulos.

Quando lemos o verso 22, interpretamos com uma idéia semelhante, já que foi usado em Mateus 10.26-27, quando Jesus instruiu seus discípulos a proclamarem abertamente o que ele lhes dizia em oculto. Mas esquecemos de Lucas 12.2, em que Jesus adverte seus discípulos sobre aquilo que eles diriam em oculto e acabaria sendo proclamado abertamente. Aí surge a pergunta: “Quem proclamaria em secreto, Jesus ou os discípulos?”. Como interpretamos cada um desses dois textos? Para complicar ainda mais, há a mesma expressão do verso 22 em Lucas 8.17, onde aparece com um outro versículo que fala sobre a importância de ouvir com atenção o ensino de Jesus.

Para finalizar esses exemplos de como uma ilustração assume diferentes significados, dependendo de seu contexto, a ilustração da medida usada por Jesus no final do verso 24, é citada em Mateus 7.2 e Lucas 6.38 com a idéia básica de não julgar o nosso próximo, mas uma simples observação do nosso texto torna absurdo extrair este mesmo conceito aqui.

Por que disse tudo isso? Exatamente para destacar o fato de que os ditos parabólicos de Jesus e ilustrações nem sempre possuem o mesmo sentido. Cada contexto esclarecerá o sentido que a parábola possui. Textos paralelos de situações idênticas podem nos ajudar, mas tomar ilustrações semelhantes de situações diferentes e aplicá-las ao texto é um desrespeito ao contexto. Durante a preparação para expor este trecho de Marcos, vi este erro típico cometido por muitos comentaristas.

Conscientes dessas advertências, vamos ao nosso texto. Primeiro, lembremos que o contexto dele é a explicação dada por Jesus aos seus discípulos acerca da parábola

do Semeador e dos solos. Ali, Jesus informou a seus seguidores que o mistério do reino é oculto a alguns (vv. 11-12), ao passo que era revelado a eles (v. 11).

Quando olhamos para a revelação que os discípulos de Jesus possuíam, lembramos que era baseada no Antigo Testamento e o ensino pessoal de Jesus. Nada além disso. Isso nos ajuda a entender a palavra “mistério”. Não podemos olhar para ela, achando que os discípulos conheciam as cartas de Paulo, escritas 20-30 anos depois. Mistério aqui, então, deve ter um sentido muito parecido com o do livro de Daniel, especialmente o capítulo 2 e o seu uso em 4.9.

Mistério não é ausência de revelação divina, pois Deus havia revelado a Nabucodonosor um mistério a respeito do que haveria de ser, mas o rei fora incapaz de compreender (2.28, 29; cf. 4.9, 24). O mistério não pode ser entendido por homens mediante suas faculdades naturais (2.28), mas sua interpretação é conferida apenas por Deus àqueles a quem quer (2.18-19, 30, 47). É interessante o fato de que os mistérios em Daniel são ilustrações em sonhos que contêm verdades por trás delas.

Quando Jesus usa a expressão mistério do reino de Deus e a aplica à situação de seu ministério, estava indicando aos discípulos que Deus se revelava por meio de Jesus. Por mais que essa revelação ocorresse, nem todos eram capazes de compreender por manterem seus corações duros à revelação de Deus. Enquanto isso, o significado do mistério do reino era dado aos seus discípulos de modo sobrenatural, por meio de Jesus, o próprio Deus encarnado (vv. 33-34; cf. Mt 11.25-27; Lc 10.21-24).

Dentro disso, podemos interpretar a parábola da candeia neste contexto com maior precisão. A candeia, assim, deve ser uma indicação da revelação de Deus trazida por meio de Jesus Cristo, cujo propósito maior é revelar (v. 21). Ainda que esteja oculta aos olhos de alguns e não a consigam entender, ela revela a vontade de Deus aos discípulos (v. 22).

Os discípulos são objeto da graça de Deus e devem aproveitar muito bem esse privilégio, a fim de ouvirem com atenção (v. 23). Pois, a compreensão do ensino de Jesus, como revelação de Deus, requer ouvidos atentos aos quais Deus derrama sua revelação graciosa.

A segunda ilustração de Jesus, por conseqüência, alerta para a importância do ouvir atento. Era comum no mercado a falta de uma medida absoluta, sob a qual todas as outras seriam medidas. Uma medida de comprimento que usavam se encontrava no braço de uma pessoa. Todavia, há braços menores e maiores, daí, surgirem todo o tipo de desonestidade e a ganância mostrava a sua cara. Para comprar algo, poderia se usar o

braço longo de uma pessoa, a fim de obter o máximo daquele produto. Já, na hora de vender, usava-se uma pessoa menor, para lucrar o máximo possível com a venda.

No reino de Deus as medidas são as mesmas. Com a mesma medida que a pessoa medir a importância da revelação de Deus por meio de Cristo e der ouvidos a ela, assim, também Deus a medirá e acrescentará a revelação proporcional à medida conferida pela pessoa (v. 24).

Jesus, então, conclui que para aqueles que valorizam a revelação e se apropriam dela, mais lhes será dado. Todavia, para aqueles que mantêm seus corações duros e desprezam a revelação de Jesus, até o pouco que ouviram lhes será tirado (v. 25).